



VOLUME DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Civitas - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 1519-6089

civitas@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul

Brasil

Pinheiro-Machado, Rosana

Uma ou duas Chinas?. A "questão de Taiwan" sob o ponto de vista de uma comunidade chinesa
ultramar (Ciudad del Este, Paraguai)

Civitas - Revista de Ciências Sociais, vol. 10, núm. 3, septiembre-diciembre, 2010, pp. 468-489
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74221657007>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma ou duas Chinas?

A “questão de Taiwan” sob o ponto de vista de uma
comunidade chinesa ultramar (Ciudad del Este, Paraguai)

One or two countries?

*The “Taiwan problem” under the point of view of an overseas
Chinese community (Ciudad del Este, Paraguay)*

*Rosana Pinheiro-Machado**

Resumo: O artigo trata da “questão de Taiwan” e dos dilemas de essa ilha ser ou não ser nação soberana. Os dados estão baseados um estudo etnográfico realizado em Ciudad del Este (Paraguai) entre taiwaneses, chineses e paraguaios. O Paraguai é um dos poucos países do mundo que possui relações diplomáticas com Taiwan, o que vai ser decisivo na conformação e negociações de “identidades chinesas”. Na primeira parte do artigo, aborda-se uma visão mais ampla da macroquestão social que envolve China, Taiwan e Paraguai. Na segunda, analisa-se o impacto dessas políticas no âmbito da vida cotidiana dos imigrantes e dos nativos

Palavras-chave: China; Taiwan; Paraguai; Diplomacia; Imigração

Abstract: The article deals with the “Taiwan Problem” and its dilemmas of being or not being a Nation-State. The data are based on an ethnographic research that was carried out in Ciudad del Este (Paraguay) among Taiwanese, Chinese and Paraguayans. Paraguay is one of the few countries in the world that has established diplomatic links with Taiwan, and this fact will be central in the building of “Chinese identities”. In the first part of this article, it is presented a wide view of the macro social question involving China, Taiwan and Paraguay. In the second half, the impact of policies set upon the daily life scope of both immigrants and natives is analyzed.

Keywords: China; Taiwan; Paraguay; Diplomacy; Immigration

* Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Vencedora do Prêmio Melhor Tese de Ciências Sociais concedido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências. Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-RS). Autora do artigo: China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 67, p. 117-133, 2008. <rmachado@espm.br>. Agradeço à Wenner Gren Foundation, pelo suporte dado a esta pesquisa; a Ruben George Oliven, pelo constante apoio e dedicação, e aos pareceristas anônimos da *Revista Civitas*, que muito contribuíram para a versão final deste artigo.

Introdução

O Paraguai é um dos 26 países do mundo que possui relação diplomática e reconhece a autonomia da República da China (RC) - ou Taiwan - enquanto nação soberana. Esse fato fez com que, nos anos 1970 e 1980, muitos taiwaneses migrassem para a Ciudad del Este – na tríplice fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina – a fim de importar produtos que eram produzidos em Taiwan. Nos anos 1990, quando a Província de Guangdong (Cantão) tornou-se um fenômeno da indústria mundial, um grande número de cantoneses dirigiu-se à Ciudad del Este e aliaram-se aos taiwaneses, no intuito de igualmente comercializar produtos chineses na América do Sul.

As causas do movimento separatista de Taiwan, que se declara um país independente, remetem a longa data, na medida em que o seu território tem sido ocupado por diversos países ocidentais e orientais há dois mil anos. No entanto, o marco desse processo são os anos de 1945 e 1950, quando, respectivamente, a China retoma o poder da ilha – então ocupada pelos japoneses –, e os nacionalistas perdem a guerra civil chinesa para os comunistas. O líder Chiang Kai-shek, então, refugia-se na ilha, estabelecendo a sede administrativa do regime nacionalista. Assim – correspondendo a um processo mais amplo de polaridade geopolítica que dividiu o mundo entre comunistas e capitalistas após a segunda guerra mundial –, a China separou ideologicamente seu território de forma dual, entre continente e ilha, tal como a Alemanha, entre leste e oeste, e a Coreia, entre norte e sul, entre outros exemplos.

De forma semelhante aos movimentos que marcaram a segunda metade do século XX, em contexto pós-guerra fria – como os que ocorreram entre os países do leste-europeu que pertenceram à União Soviética – o separatismo de Taiwan tem lutado contra a sua integração territorial e política com a China comunista. Atualmente, a ilha é território pertencente à República Popular da China (RPC), cujo ideal é o de uma “China Una”, advogando pela política de “um país, dois sistemas” (*yì ge guo, liang ge zhì*).

A chamada “questão de Taiwan” deve ser analisada sob diversas dimensões – históricas, econômicas, governamentais e políticas, sociais, culturais e subjetivas –, dentre as quais encontramos traços que indicam ora distanciamentos, ora estreitamentos dos vínculos com a China. A autonomia da ilha vai ganhando, pouco a pouco, reconhecimento em órgãos internacionais, como a Organização Mundial de Comércio. Por seu turno, o não ingresso às Nações Unidas e o não reconhecimento de sua soberania por parte da maioria dos países do mundo mostra que ainda há um grande impasse entre *ser ou não ser* Estado-nação, impasse que vai se refletir nas comunidades da diáspora chinesa, como a de Ciudad del Este.

Nesse contexto, *ser chinês* ou *taiwanês* (sentir-se enquanto tal) é, para além de uma questão de ancestralidade, um processo que se constrói na vida cotidiana, nas experiências de vida socialmente compartilhadas e nas trocas face a face. Como salienta Brown (2003), a identidade taiwanesa é uma questão política, delineada pelos eventos econômicos e políticos, bem como em função de mudanças vividas na contemporaneidade. Assim, neste artigo, problematizarei a dimensão subjetiva daqueles que possuem suas vidas atravessadas pela “questão de Taiwan”. O universo de pesquisa é composto por taiwaneses e chineses¹ que migraram para Ciudad del Este, no Paraguai – país que detém as melhores relações diplomáticas com a ilha.² Meu objetivo é entender em que medida a vida no exterior – que se caracteriza tanto por um contato com latino-americanos, quanto pela reaproximação de chineses e taiwaneses – vai provocar negociações, mudanças identitárias e novas posições frente à independência de Taiwan.

Na primeira parte do artigo, antes de discutir a etnografia propriamente dita, realizada em Ciudad del Este, contextualizo a situação de Taiwan através de dados históricos e de conjuntura internacional contemporânea. Exploro, então, a relação de Taiwan com a China e, mais especificadamente, em relação ao universo empírico observado neste artigo, a formação da “amizade” entre Taiwan e Paraguai. Após situar esse quadro das relações internacionais, refleti, na segunda parte, os seus impactos na esfera da vida cotidiana: o que pensam os taiwaneses, chineses e paraguaios sobre isso? Em que medida isso influencia a vida dessas pessoas, refletindo-se concretamente em direitos sociais e cidadania? E, por fim, o que provoca em termos de ressignificações e reordenações identitárias?

Contextualizando a “questão de Taiwan”

As aproximações e tensões entre Taiwan e China

Na República Popular da China, bem como em Taiwan, para designar o dilema da independência ou não da ilha, usa-se a expressão em mandarim

¹ Neste artigo, eu uso o termo *chineses* para me referir àqueles oriundos da República Popular da China e *taiwaneses*, para os vindos de Taiwan. No entanto, esses termos não são nada ideais, sendo importante salientar que os menciono meramente para facilitar a leitura. Afinal, taiwaneses também são chineses. Chineses aqui correspondem ao que na língua inglesa chama-se de *mainlanders*.

² Feita em Ciudad del Este (Paraguai), fronteira com Foz do Iguaçu (Brasil) no biênio 2005-2006, a etnografia faz parte de um projeto maior de minha tese de doutorado, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Pinheiro-Machado, 2009), a qual atenta para a cadeia produtiva de mercadorias chinesas na rota China-Brasil-Paraguai.

Taiwan wenti. *Wenti* que pode ser traduzida como assunto, questão ou problema. Muitas vezes, é adotado o termo “problema”, por designar com maior propriedade o fenômeno ao qual se refere. Afinal, “problema” pode significar apenas “assunto”, mas também tem o sentido ambíguo que conota uma “complicada questão”.

Segundo Cooper, o fato da ilha ser conhecida por diferentes nomes – Taiwan, Formosa, China Nacionalista, República da China (nome adotado pelo movimento separatista para designar a nação) – já indica que se trata de uma questão não resolvida, a qual pode ser sintetizada no título de sua obra: *Estado-nação ou província?* (Cooper, 2003). Vários referendos e pesquisas de opinião têm apontado que a própria população da ilha está dividida. A aceitação ou não da independência está relacionada, por exemplo, às trajetórias dos indivíduos e à intensidade de seu elo com a República Popular da China. Muitos taiwaneses estão em permanente contato com o continente, através de vínculos familiares, econômicos, etc. Contudo, há aqueles sujeitos que, nos últimos anos, envolveram-se e identificaram-se com a política de Taiwan e, assim, tornaram-se adeptos à causa separatista.

No âmbito das populações chinesas além-mares, o processo da diáspora é bastante heterogêneo e tem se caracterizado pela oscilação dos vínculos (ora estreitamento, ora afrouxamento) em relação à terra natal, conforme as questões políticas e sociais em jogo em cada conjuntura (Chan, 2000). No universo observado no Paraguai, conforme mostrarei adiante, os imigrantes taiwaneses também estão divididos, embora o contato com as pessoas vindas da RPC tenda a promover, em outra esfera geográfica e cultural, a “reunificação”. Além disso, o poderio econômico que a China impõe atualmente acaba por seduzir os imigrantes, visto que muitos dos que estão no Paraguai são empresários ou comerciantes e, por isso, mantêm o vínculo permanente com a RPC. Percebemos uma intensificação dos elos com a terra natal e uma positivação identitária, por parte de chineses ou taiwaneses, e esse fato vai influenciar diretamente na opção de autonomia da ilha.

A complexidade da questão, que vai culminar na opinião pública taiwanesa (que vive na ilha ou fora dela), dividida entre os prós e os contras, tem sua gênese na própria história de Taiwan, cujo território teve idas e vindas de pertencimento à China. Nos seus primórdios, foi povoada pelos chamados “aborígenes”, oriundos do sudeste asiático e chinês. De 1624 até 1661, os holandeses ocuparam Taiwan. Posteriormente, sucederam-se dois séculos de controle chinês, até 1895, quando o Japão invadiu o território. A partir de 1945, a China retoma o controle da ilha que, desde então, adota o regime nacionalista.

Sob o ponto de vista étnico, especialmente de ancestralidade, Taiwan é basicamente chinesa. A população atual é composta por 2% de aborígenes, 84% de “taiwaneses” (*hakkas* e *fukiens*) e 14% de *mainlanders*. Os chamados “taiwaneses” são aqueles que chegaram à ilha no século XVII, graças ao comércio marítimo, sendo oriundos do sudeste chinês (*hakkas* da província de Guangdong e *fukiens* de Fujian, província do continente de frente para a ilha). Os *mainlanders* são os migrantes que se estabeleceram lá após 1949, quando se instaurou o regime comunista na China (Cooper, 2003). *Hakkas*, *fukiens* e *mainlanders* são principalmente Han, etnia majoritária da China.

A língua dominante em Taiwan é o mandarim. Após a Revolução Cultural, a RPC adotou os caracteres simplificados, enquanto Taiwan seguiu com os tradicionais. No entanto, na fala, não há diferenciações significativas. As principais manifestações culturais da ilha (costumes, alimentação, festas, calendário) também são chinesas.

As questões identitárias, referentes à etnia e à cultura, são centrais na “questão de Taiwan” e são alvo de uso político e ideológico por ambos os lados. A República Popular da China, que não aceita a autonomia da ilha, tem como princípio a idéia de que, no mundo, existe apenas *yi ge Zhongguo* (uma China), entretanto, admite a democracia taiwanesa, a pluralidade partidária e a condição de província autônoma, ligada à China. Defende que a ilha é parte de seu território por uma questão histórica e cultural, e que o movimento separatista infringe a integridade territorial da China. Devido a tal posicionamento, lançou a “Lei anti-separação”, a qual lhe atribui o direito à invasão armada frente aos movimentos separatistas.

O fato da população de Taiwan ser majoritariamente composta pela etnia Han (e ser caracterizada por um legado de 5000 anos de história) é usado ideologicamente para justificar a unificação por parte das autoridades da RPC (Brown, 2003). Como pude observar em campo, como relatarei mais adiante, os imigrantes taiwaneses que não endossam o separatismo também se utilizam desse discurso a fim de justificar a posição oposta. Assim, a cultura pode ser manipulada por ambas as posições para fins políticos, constituindo-se enquanto capital étnico.

O governo taiwanês repudia a lei anti-separação, alegando ter o direito de decidir seu rumo através de caminhos democráticos. Alega também que 90% da população taiwanesa concorda que somente Taiwan pode decidir seu caminho. Na luta política pela independência, conforme pontuou Brown (2003), a presença aborígine, a experiência democrática e as influências do Ocidente são usadas politicamente como sinais de uma identidade singular, de uma nação própria, que não possui apenas a China como referência.

Cooperação internacional entre Taiwan e Paraguai: histórico e desdobramentos

Conforme salienta Pinto:

Taiwan vem se posicionando como ator a ser reconhecido no mundo atual. Ao mesmo tempo em que aparece lutando ferozmente – inclusive com seus amplos recursos financeiros – para manter e expandir seus vínculos diplomáticos, Taipei busca também integrar organizações internacionais, como a das Nações Unidas e Mundial de Saúde. (Pinto, 2005, p. 03)

A busca pela integração internacional acontece, sobretudo, por caminhos financeiros de cooperação e acordos comerciais. Nesse sentido, o Paraguai tem sido um aliado importante.

A diplomacia entre Taiwan e Paraguai teve seu início no ano de 1957. No entanto, se olharmos para o estreitamento das relações e das ações de cooperação internacional, será possível afirmar que ela tomou corpo a partir de 1995, por meio de um conjunto de ações estratégicas em diversas áreas e direções. Durante 1997, com a visita do então presidente de Taiwan, Lee Teng-hui, ao Paraguai, inúmeros tratados foram acordados: transporte aéreo, protocolo de facilitação comercial, convênio no setor agrícola, acordos de importação e exportação, etc. Em 1999, as capitais Taipei e Ciudad de Asunción assinaram o *Convénio Hermandad* entre as duas cidades. Tais acordos propiciaram um novo rumo às relações entre os dois países.³

Entre Taiwan e Paraguai, antes da década de 1990, havia apenas acordos formais que facilitavam a emigração de taiwaneses para o território paraguaio. Hoje, em Ciudad del Este, há cerca de nove mil chineses e taiwaneses. Não é possível avaliar com precisão a proporção entre os dois grupos, porém, com base nos cálculos nativos, bem como na observação etnográfica, pode-se supor que essa proporção esteja em torno de 50% de taiwaneses, 35% de cantoneses e 15% de oriundos outras províncias. Dentre todos os taiwaneses que vivem no Paraguai, 98% encontram-se na fronteiriça Ciudad del Este. Trata-se de um processo migratório com um fim muito particular: o de importar e comercializar produtos *made in China* na fronteira internacional entre Brasil e Paraguai.

³ “O presidente Lee Teng-hui foi um dos maiores nomes no que concerne ao embate à RPC e, consequentemente, à busca de apoio internacional. A China, que considera a questão de Taiwan um problema ‘doméstico’, reagiu com represálias, inclusive acusando o presidente de ‘traidor do milênio’, a referir-se a ele, então, como ‘um bebê de proveta anormal, gerado pelas forças anti-China, em seus laboratórios políticos’” (Pinto, 2005, p. 03)

Ciudad del Este e a diáspora chinesa

A chegada de taiwaneses e cantoneses no Paraguai deve ser entendida no âmbito do processo mais amplo da diáspora chinesa para o mundo e, em especial, para as Américas, destino da última onda migratória chinesa em direção aos chamados “países novos” (Ma Mung, 2000; Pan, 2006; Trolliet, 2000). A comunidade cantonesa e taiwanesa de Ciudad del Este mantém fortes vínculos comerciais e familiares com outras *chinatowns*, nos Estados Unidos (ver, por exemplo, Lin, 1992; Live, 1992; Rath, 2006; Waldinger e Tseng, 1992; etc.) e, principalmente, no Brasil (ver Piza, 2009; Silva, 2009).

Os taiwaneses foram os primeiros a chegar ao Paraguai. Isso se deve à diplomacia e ao fato de, nos anos 1970 e início dos 1980, Taiwan ser o grande produtor de bens do tipo bugigangas, os quais, posteriormente, passaram a ser produzidos na RPC, especialmente na província de Guangdong, localizada ao sul. Quando Guangdong passou a encabeçar a produção da pequena e média indústria do país, impulsionou um processo migratório interno e externo de proporções inéditas (Pan, 2006). Foi nesse contexto que os cantoneses dirigiram-se ao Paraguai, a fim de importar e revender aquilo que seu país começava a produzir em abundância, juntando-se a outros grupos étnicos que comercializam na região, como sírio-libaneses, coreanos e japoneses.

Vale a pena descrever, em poucas palavras, o cenário de Ciudad del Este. Trata-se de um dos maiores centros comerciais do mundo, que faz circular, em grande parte informalmente, um valor estimado em dois bilhões de dólares por ano, no que diz respeito à venda de bens para o Brasil.⁴ Além disso, é um local marcado pela diversidade interétnica. Destaca-se, principalmente, a rica e pacífica coexistência de uma multiplicidade de línguas, moedas⁵, costumes e religiões (Montenegro e Béliveau, 2006; Macagno, 2006; Rabossi, 2004).

Os imigrantes, em sua maioria, são proprietários de lojas. No âmbito comercial, os paraguaios trabalham como empregados ou vendedores de rua. Já os consumidores, em geral, são sacoleiros/muambeiros brasileiros que buscam mercadorias e revendem-nas nos mercados de rua de suas cidades. Ao confrontar as noções de legalidade e ilegalidade, formalidade e informalidade, esse circuito comercial, classificado por Ribeiro (2007) como “globalização popular”, faz com que os olhos do mundo inteiro se voltem para ele, na tentativa de coibir sua expansão, que teve seu auge na década de 1990, mas que pouco

⁴ Dados oficiais dos relatórios da Receita Federal brasileira referentes aos bens apreendidos em 2005. A estimativa é feita através de amostragem.

⁵ O transporte urbano, por exemplo, aceita regularmente as seguintes moedas: Real, Guarani, Peso argentino e Dólar.

a pouco parece anunciar seu desgaste, graças às pressões internacionais de combate ao contrabando e à pirataria.

Embora a grande maioria dos taiwaneses trabalhe como comerciantes/importadores, devido às relações entre Paraguai e Taiwan, muitos deles começaram a desenvolver outros tipos de atividades voltadas para a terra natal e que dão suporte à comunidade taiwanesa. Nesse sentido, a diplomacia facilitou o estabelecimento de associações taiwanesas em Ciudad del Este, como grupos organizados nos meios de comunicação, sindicatos, associação feminina de comerciantes, ONGs, além do setor educacional. Ciudad del Este possui quatro escolas taiwanesas e, na maior delas, 250 crianças são alfabetizadas e formadas até o ensino médio. Os imigrantes oriundos da China continental não possuem tais associações ou serviços no Paraguai, sendo que, muitas vezes, nem a sua condição de imigrante é legalizada.

Soberania e diplomacia de Taiwan e o impacto na vida cotidiana

Taiwaneses e Paraguaios: amigos para sempre?

Para a realização do trabalho de campo, morei no lado brasileiro da fronteira e, diariamente, atravessava a Ponte da Amizade junto com milhares de sacoleiros de todo o Brasil e, assim, entrava na realidade de Ciudad del Este com toda sua diversidade de grupos e estilos de vida. Esse movimento constante de idas e vindas possibilitou que eu entrasse em contato com as mais variadas pessoas que fazem daquela fronteira uma das mais movimentadas do mundo.

As minhas abordagens sobre a questão da diplomacia entre Taiwan e Paraguai realizaram-se com taiwaneses, chineses e paraguaios. Procurei ouvir vários grupos e posicionamentos, tanto em situações de entrevistas formais quanto em situações banais, nas quais surgiam depoimentos espontâneos.

As primeiras abordagens dessa questão com as pessoas locais foram frustrantes e, ao mesmo tempo, significativas em virtude das respostas evasivas que obtive. Sob o ápice do calor de 46 graus, presa dentro de um ônibus na Ponte da Amizade, em um congestionamento que já durava mais de uma hora, resolvi falar com o cobrador paraguaio. Depois de algum tempo de conversa:

- O teu país é amigo de Taiwan, não é?
 - [gargalhadas...] [Grita para o motorista]: A mocinha aqui tá perguntando se o Paraguai é amigo de Taiwan. [gargalhadas gerais]
- Depois foi com o *mesitero* (vendedor de rua), que vende água nas beiradas da Ponte:

- O teu país é amigo de Taiwan, não é?
– [olha de lado com descrédito com o canto do olho] Quer saber?
A gente só se dana...
No outro dia, ao encontrar uma informante taiwanesa, Helenita (45 anos), dona de loja de perfumes:
– Me fala mais sobre as relações diplomáticas entre Taiwan e Paraguai...
– Tem a associação de mulheres, tem o jornal... hum, deixa eu ver o que mais...

Essas situações prosaicas do cotidiano do trabalho de campo apontam a existência de um conflito velado. Esses episódios mostravam que o discurso dos grupos que vivem em Ciudad del Este era muito diferente daquilo que os meios de comunicação anunciam: uma grande amizade entre Taiwan e Paraguai.

Posteriormente, as impressões iniciais foram se confirmado. Em situação de entrevista formal, Alejandro (43 anos), um dos raros paraguaios donos de loja na cidade, disse-me que a relação entre Taiwan e Paraguai é *falsa*, pois o único interesse em jogo seria o dinheiro (no caso do Paraguai) e a diplomacia (no caso taiwanês). E, ainda, como seu país faz qualquer coisa por dinheiro, a cooperação desencadeava uma série de atos corruptos que, em suas palavras, “envergonhavam a população paraguaia”.

Na sala de redação de um jornal taiwanês no Paraguai, eu esperava encontrar uma resposta mais formal e oficial e, portanto, mais otimista, do editor (Cheng, 36 anos). Perguntei: “Sr. Cheng, por favor, me fale das consequências das relações diplomáticas entre Taiwan e Paraguai para o povo de Ciudad del Este”. Ele me olhou com deboche e respondeu: “Quê? Isso não existe! É só dinheiro! Quem se dá mal é a gente...”.

Depois de inúmeras respostas muito semelhantes que, através da evasão, evidenciavam desprezo, foi possível entender que os diferentes grupos que vivem em Ciudad del Este interpretam as relações diplomáticas entre Taiwan e Paraguai de forma áspera e irônica, como se elas fossem uma “farsa”, ou melhor, um jogo de interesses políticos que pouco reverte em direitos ou benefícios para as pessoas comuns. Todavia, no contexto das relações sociais em Ciudad del Este, a relação bilateral entre Paraguai e Taiwan não é um fato insignificante. Ao contrário, é alvo de comentários o tempo inteiro, que afirmam que ela traz lucro apenas para poucos. E, independentemente de quem esteja falando, esses poucos são sempre os “outros” – paraguaios ou taiwaneses.

Na realidade, conforme explorei de forma detalhada em trabalho anterior, os dois grupos possuem uma relação extremamente tensa (Pinheiro-Machado, 2007). Mesmo tendo se passado mais de 20 anos de contato e convivência muito próxima, existe uma impermeabilidade surpreendente entre as partes. Tal contato, áspero no âmbito da interpessoalidade, traduz-se imediatamente em descrédito nas instâncias políticas da relação entre os dois países. Ou seja, partindo do quase dramático contato face a face, tende-se a uma generalização, que se estende à esfera política das relações diplomáticas, esfera que sempre é acusada de ser movida por interesses financeiros e, em vez de ajudar, trazer prejuízos à sociedade.

A consequência de tal conflito acaba sendo uma reaproximação de chineses e taiwaneses, que vivem em uma só comunidade. O repúdio às formas “latinas” de vida, entre tantas outras coisas, faz com que muitos taiwaneses, ao buscarem um legado cultural que os legitimem e lhes confiram distinção, sintam-se cada vez mais chineses. No entanto, é importante ressaltar que não se trata de uma regra geral. Evidentemente existem outros posicionamentos. Há muitos taiwaneses que apoiam a autonomia, da mesma forma em que conheci também imigrantes que possuem boas relações com paraguaios e brasileiros.

Na realidade, as impressões encontradas no discurso espontâneo traduziam não apenas um quadro de relações sociais tensas, mas a constatação de que as relações bilaterais possuem um objetivo econômico e comercial. No momento em que se reconhece que diplomacia assume a característica de “relações pragmáticas”, conforme definição de Leifer (2001) sobre a diplomacia da ilha com países do leste asiático, a própria noção de soberania taiwanesa fica esvaziada. O que está em jogo nessas negociações não é a identidade nacional taiwanesa, e isso parece ser claro para os diferentes grupos que habitam Ciudad del Este.

Nesse sentido, observando as esferas públicas e/ou oficiais, percebemos claramente que existe um abismo entre o discurso público formal, que prima pela cordialidade, e os depoimentos espontâneos dos cidadãos. O editorial do jornal Vanguardia, no início de 2006, pede a inclusão de Taiwan na Organização Mundial da Saúde: “Urge la Participación de Taiwán en la OMS”. Em outros meios de comunicação paraguaios, encontramos manchetes e texto como o seguinte:

Paraguay y la Repùblica da China: respeto, convivencia y unidad de propósito. (...) Otro punto de unión lo constituyen esos hombres y mujeres que hoy constituyen en mi país, la pujante colonia china, que con su trabajo y dedicación honran a los nativos de este suelo y sirven de ejemplo y estímulo a mis compatriotas. (Fala do Embaixador do Paraguai ao jornal Chino Libre)

No entender dos informantes, depoimentos e idéias como essas soam como deboche ou até insulto. Imigrantes e paraguaios estão longe de possuírem uma relação harmoniosa e de trocas. Os dois grupos têm de conviver no mesmo espaço e assim tornarem-se interdependentes. “Preguiçosos” e “cínicos” são os adjetivos amenos usados pelos chineses e taiwaneses para classificar os paraguaios. Os mais duros são “corruptos”, “safados” e “ladrões”. Já os paraguaios consideram os imigrantes “parasitas” e “sanguessugas”, por se aproveitarem do país para fazer dinheiro sem, contudo, investir nele.

Os chineses de Ciudad del Este, mesmo após décadas de imigração, não dominam completamente o espanhol falado no Paraguai. A primeira geração de imigrantes resiste, evidentemente, muito mais às trocas, e possui uma série de estratégias poderosas de controle sobre seus filhos para que eles não sejam favoráveis ao contato intercultural. Estudar em escolas taiwanesas durante toda a vida é uma das estratégias. Todavia, nenhuma realidade social é tão estática, havendo casos (poucos) de casamentos e demais formas de relações afetivas entre indivíduos dos dois grupos, para além de patrão-empregado.

A diferença mais significativa entre paraguaios e chineses é, sem dúvida, a noção de tempo e de dinheiro, tendo implicações diretas nas trocas comerciais e nas relações afetivas. As concepções estereotipadas de um “immediatismo” latino-americano, por um lado, e de uma “perspicácia” chinesa, por outro, provocam o choque permanentemente entre eles, dificultando o trabalho conjunto e as demais formas de relações sociais. Conforme mostra Ouyang (2002), em sua pesquisa sobre o comércio na França, a principal raiz de conflitos entre chineses e franceses estava nas diferenças de “linguagem temporal”. Para a autora, a pontualidade é um código altamente rigoroso para os chineses e, nesse entendimento, o atraso pode gerar atrito.

O que eu chamo de choque temporal de visões de mundo não se refere ao tempo do trabalho diário, mas ao tempo de programação e planejamento da vida. Alguns imigrantes entendem que os paraguaios “não são sérios” para trabalhar e que seriam movidos por uma idéia de gozo imediato das conquistas da vida. Os chineses, baseados em princípios confucionistas e taoístas, costumam ter como moral de vida a poupança, a visão de futuro, a harmonia e a ordem. Na prática, a noção de tempo é um sinal diacrítico. Em contexto de diáspora, conforme Cunha (1987), os migrantes levam na bagagem uma quantidade limitada (porém significativa) de elementos de sua terra natal. Os traços selecionados são exaltados como “verdade sobre si” e entram diretamente em choque com as características do grupo em contato. Trata-se de um jogo de oposições e diferenciações inclusivo e exclusivo, que define as fronteiras situacionais da identidade étnica (Barth, 1969).

A questão do tempo está diretamente relacionada ao dinheiro, visto que as categorias de “perspicácia” e “immediatismo” sempre se referem ao consumo e ao gasto de dinheiro. Os paraguaios não entendem por que imigrantes que possuem tanto dinheiro não costumam aparentar tê-lo. Os chineses, por sua vez, não entendem por que paraguaios que não têm uma boa condição financeira querem tanto mostrar que a têm.

Nesse jogo de estereotipações recíprocas, o caso de um taiwanês que se casou com uma Paraguaia assim que chegou da China é ilustrativo. Hoje, ele se arrepende profundamente por seu ato e o considera fruto dos “calores da juventude”. Em situação de entrevista, ele tentou, de todas as formas, convencer-me de que uma mulher latina é capaz de deixar qualquer chinês pobre em poucos meses, graças às formas imediatistas e fúteis com que as paraguaias gastam o dinheiro.

Os taiwaneses também reclamam da violência a que estão sujeitos vivendo no Paraguai. De acordo com os informantes, é impossível sair depois que anoitece nas ruelas de Ciudad del Este, pois isso implicaria em assaltos e demais formas de violência. Por essa razão é que Sr. Cheng me disse ser impossível acreditar em uma relação diplomática entre os dois países, na medida em que seus compatriotas estavam sujeitos a uma situação permanente de medo no país “amigo”.

Eles [políticos] fazem acordo de avião, de venda, ficam se visitando e puxando o saco, mas nós aqui, se saímos na rua, somos assaltados por eles [paraguaios]... Esse negócio aí só serve para dar dinheiro para o Paraguai, em troca de apoio político. Não era para a gente ter proteção? O nosso consulado, não era para nos ajudar? A gente está à mercê desses paraguaios...

O depoimento de Luis Li, um taiwanês de 26 anos que trabalha em uma importadora, revela uma face curiosa dos efeitos das trocas diplomáticas na vida cotidiana, em que o dinheiro dado pelo consulado acaba por prejudicar os taiwaneses e “empoderar” os paraguaios.

O meu país tem relações diplomáticas com o Paraguai. Como nós estamos todos em Ciudad del Este, tem o nosso consulado aqui. Então era para a gente ter melhorias aqui. Mas não, muito pelo contrário. Isso é pior para a gente, sabe por quê? Porque Taiwan dá dinheiro para cá. Os paraguaios dizem que não têm dinheiro, o que eles fazem com esse dinheiro? Compram carro para polícia. E com os carros novos da polícia, eles pegam os taiwaneses, ficam mais eficientes para nos pegar e dizer que somos ilegais, ou contrabandistas. Não! Eles não nos prendem, apenas ganham um dinheirinho para o final de semana... Daí a gente vai ao consulado e pede para sair dessa, daí o consulado ajuda.

Contudo, os paraguaios também se sentem prejudicados. Como existe uma dependência em relação, tanto aos empregos oferecidos pelos chineses, quanto ao dinheiro do consulado, são os imigrantes que acabam detendo maior poder nesse contexto. O maior exemplo disso é que eles não falam a língua espanhola, mas os paraguaios acabam, por necessidade, aprendendo o mandarim. Outro exemplo: uma informante paraguaia que trabalha em uma pequena loja de artigos para piscinas, disse que as funcionárias eram discriminadas, pois eram sempre acusadas de furto quando sumia algum dinheiro da loja. Por outro lado, Alejandro, informante anteriormente mencionado, disse que os paraguaios são tratados de forma desigual na cidade, tendo preferência em filas de restaurantes e outros estabelecimentos comerciais, nos quais, por ventura, venham a se cruzar.

Dada essa realidade vivida na experiência cotidiana, torna-se difícil para os indivíduos afetados crer na eficiência e seriedade das relações diplomáticas. No entanto, se nos afastarmos um pouco do jogo das interações sociais e olharmos para alguns indicadores mais objetivos, podemos perceber que existem resultados concretos de tal cooperação bilateral. Embora sejam poucos e esparsos, eles existem. Nos últimos anos, Taiwan ofereceu bolsas de estudos para paraguaios estudarem em universidades taiwanesas. Esse país também exportou mercadorias em grande volume para o Paraguai, que, por seu turno, a partir do final da década de 1990 passou a exportar tecnologia de ponta (válvulas mecânicas para serem usadas em hidrelétricas) para Taiwan, algo inédito até então. Contudo, pelo discurso local, existe uma assimetria de poder, que tende para o lado taiwanês, e isso parece se refletir também no âmbito das relações econômicas, visto que o Paraguai compra muito mais do que vende para Taiwan, o que é motivo de reivindicações políticas.

A conformação de identidades chinesas: sobre a “taiwanização” da vida cotidiana

Sob o ponto de vista cultural mais abrangente, encontramos poucas diferenças entre taiwaneses e chineses no Paraguai. Ambos os grupos compartilham de celebrações e hábitos semelhantes e falam a mesma língua. Em ambientes privados, são falados dialetos e/ou outras linguagens, como o cantonês, mas na vida social, todos são aptos a falar o mandarim. Eles comemoram conjuntamente o Ano Novo lunar, apreciam as mesmas comidas típicas durante os festivais coletivos, falam sobre Confúcio e seus ensinamentos. Além disso, é comum que taiwaneses tenham parentes vivendo, tanto em Taiwan, quanto na China continental.

Embora haja, evidentemente, diferenças entre os grupos, a comunidade esforça-se para continuar fechada em si mesma. Taiwanese e chineses freqüentam exatamente os mesmos lugares, aos quais os estrangeiros não têm acesso. Isso nos remete ao modelo clássico de Evans-Pritchard (2002) sobre segmentação e coesão, pois taiwaneses e chineses podem se opor entre si, mas frente aos paraguaios e outros grupos étnicos da fronteira, tendem a unir-se e colocar-se em oposição.

Os taiwaneses do Paraguai são de origens diversas (*mainlanders, fukiens e hakkas*). Todavia, afirmam ser taiwaneses ou apenas chineses. A relação cotidiana dos dois grupos (a partir da vizinhança do comércio, dos espaços de sociabilidade e das trocas afetivas) promove re-elaborações identitárias e reaproximações entre ilha e continente, ainda que no lado oeste do planeta. Nesse sentido, é importante perceber que, nesse caso, identidade está relacionada a um contexto social de interpessoalidade, não remetendo à etnia, que, em se tratando de taiwaneses e chineses, é completamente plural.

Retomando o argumento central de Brown (2003) sobre Taiwan, a identidade é um processo que se constrói primordialmente no cotidiano e não somente na ancestralidade e na similitude étnica. Para a autora, que analisou a formação de identidade taiwanesa, tal idéia serve para mostrar que, na Taiwan contemporânea, novos fatos políticos, econômicos e sociais vão dando contornos a novas identidades de uma nação singular.

Uma das maiores incompreensões a respeito de identidade é a visão amplamente aceita que etnia e identidade nacional são baseadas em ancestralidade comum e/ou cultura comum e, portanto, que a identidade é alicerçada na antiguidade (Brown, 203, p. 02).

Esse mesmo argumento pode ser usado para inferir que, no Paraguai, o que une chineses e taiwaneses não é o fato de serem oriundos da etnia Han, tampouco de compartilharem um passado remoto. A própria diversidade de origens é amenizada em nome de uma “conscientização chinesa” – expressão usada por Chun (2007) para se referir ao processo contemporâneo de reconstrução de identidade chinesa entre hongkoneses e chineses. Assim, identidades são conformadas nas experiências e nas negociações vividas na prática, face a face, diariamente. É o troco que o vizinho fornece, a ajuda para conseguir moradia, o almoço no mesmo restaurante, a união conjugal dos jovens, etc. que, processualmente, vão aproximando os dois grupos em uma mesma configuração social. Acerca desse aspecto em particular, é interessante pensar sobre a hipótese de Lin *et al.* (2006), no que diz respeito à formação de identidade em Taiwan. Na mesma direção de outros autores apresentados aqui, esses autores acreditam que não é etnia que define identidade no caso taiwanês –

etnia Han e seus inúmeros subgrupos. Eles entendem que identidade é formada por ciclos de influências que se dão no âmbito da vizinhança. Embora tal idéia seja limitada ao escopo geográfico, é útil para pensar as mútuas influências na relação diária de taiwaneses e chineses em Ciudad del Este.

Dante do contato com o outro, a etnia e a ancestralidade também serão resgatadas e usadas para um fim muito particular: o de marcar fronteiras entre “chineses” e “latino-americanos”. Assim, enquanto capital étnico e histórico, a China, com a narrativa sobre seu passado de “cinco mil anos de civilização e sabedoria”, indubitavelmente oferece instrumentos distintivos mais poderosos do que a Taiwan nacionalista. Nesse sentido, “ancestralidade e cultura são termos ideológicos em que etnia e identidade nacional são acionadas” (Brown, 2003, p. 02).

A questão econômica também é fundamental na compreensão do pertencimento taiwanês em relação à RPC na atualidade. Todo o poderio que a China tem demonstrado ao planeta em razão de seu avassalador crescimento econômico desperta interesses múltiplos em indivíduos e grupos econômicos, fazendo aumentar o desejo e mesmo a necessidade do vínculo com a China. No Paraguai, esse fato é bastante claro. Devido ao boom industrial do sul chinês, tornou-se quase obrigatório (devido ao preço) importar os bens, não mais de Taiwan, mas de Guangdong.

Muitos negociantes taiwaneses não querem ficar de fora daquilo que se anuncia como um novo império mundial e, assim, aproveitam as inúmeras oportunidades que surgem para fazer dinheiro. Nesse processo, vão redescobrindo motivações para manterem-se ligados ao continente. A questão econômica é praticamente inevitável, pois o poderio econômico estrangula muitas vezes os taiwaneses, deixando-os sem muita margem de escolha e obrigando-os a comercializar com a China.

Dois informantes, Sr. Wan e Sr. Li, disseram que quem controla os negócios internacionais em Ciudad del Este são as importadoras taiwanesas, as quais importam de distribuidoras e fábricas da RPC, não mais de Taiwan. Tais estabelecimentos são gerenciados por taiwaneses que transferiram mão de obra e *know-how* de Taiwan para Guangdong ou Fujian, a partir do momento em que o sul da China passou a oferecer vantagens economicamente irresistíveis.

Contudo, se tenho inferido que chineses e taiwaneses estão bastante próximos na comunidade paraguaia, e que isso influencia seu posicionamento, que tende à simpatia pela reunificação, isso não significa, sob hipótese alguma, a ausência de conflito e hierarquias entre os grupos. Além disso, há fortes grupos políticos separatistas em Ciudad del Este, embora numericamente não sejam tão expressivos. A simpatia pelo ideal de *yi ge Zhongguo*, portanto, não

é um processo homogêneo, apenas significativo. Nem mesmo os adeptos da unificação estão totalmente convencidos, visto que a diplomacia entre Taiwan e Paraguai oferece alguns benefícios para os taiwaneses.

Os taiwaneses, ao estarem respaldados pelas relações bilaterais, acabam tendo uma série de direitos sociais. O principal deles é a legalização da imigração e o visto de moradia paraguaia. O suporte legal se traduz em aparato moral. Estar legalizado significa ter poderes e direitos especiais dos quais imigrantes da RPC estão desprovidos. Além disso, existe a segurança de poder recorrer ao consulado em caso de violência, bem como a regularização das lojas e da importação de mercadorias. Nesse contexto, o imigrante sai da posição de contrabandista e assume a de empresário.

Os imigrantes da República Popular na China, entretanto, estão em condição ilegal: a moradia e o estabelecimento comercial tornam-se mais difíceis (ou pelo menos mais caros). O principal suporte financeiro à comunidade vem do banco de Taiwan (Chinatrust), que tem sua sede em Assunção. Além disso, os jornais chineses que eles leem são de Taiwan, o sindicato também. Seus filhos necessitam estudar na escola taiwanesa, na qual princípios budistas e o mandarim tradicional (e não o simplificado da RPC) são ensinados. Formase, portanto, uma hierarquia entre *estabelecidos* e *outsiders* (Elias, 2000), fundamentada na antiguidade e na legalidade, e na qual a nacionalidade é o principal elemento distintivo.

Lily Chan (aproximadamente 40 anos de idade), uma de minhas informantes importantes, é oriunda de um pequeno vilarejo próximo à Guangzhou. Ela chegou à Ciudad del Este, onde teve seus dois filhos, em 1992. Hoje ela não possui mais parentes na cidade e suas redes sociais são fracas. Sem fornecer detalhes, ela disse-me que conseguiu seu visto graças ao pagamento de uma taxa a um grupo de taiwaneses, para quem ela paga o aluguel de sua loja e de sua moradia. Seus filhos estudam em escola taiwanesa, pois, segundo ela, “como a China está dominando o mundo, é melhor se alfabetizar em chinês”. Os amigos de seus filhos são taiwaneses e, quando pergunto se existe algum tipo de discriminação, ela se ofende e diz: “a diferença entre China e Taiwan é só governamental”.

No entanto, apesar do conteúdo amenizador dessa fala, a maioria dos informantes da RPC trabalha como empregado de lojas, sendo destituída de redes sociais fortes (*guanxi*). Evidentemente, existem imigrantes poderosos, donos de grandes centros comerciais, mas essa não parece ser a regra. Quando atravessam uma crise financeira, a capacidade de recuperação através das redes de ajuda mútua é pequena, como aconteceu com Sr. Yang, que, desde uma crise que sofreu em 1998, nunca mais conseguiu se reerguer e ter seu próprio

negócio. Continua trabalhando como empregado de um taiwanês em uma loja de lâmpadas.

Desse modo, se na República Popular da China os taiwaneses são identificados pejorativamente como pertencentes a uma “província rebelde”, a configuração estabelecida no Paraguai permite que essa relação de poder se inverta, na medida em que a condição de superioridade, baseada na legalização, ali, está no lado taiwanês. Existe, nessa situação, uma reclassificação, um reordenamento de status que interfere diretamente no entendimento do que é “ser chinês”, e aponta para a formação de *novas* identidades políticas⁶.

Embora taiwaneses e chineses realizem trabalhos semelhantes e comercializem exatamente as mesmas mercadorias (bugigangas e falsificações, importadas dos mesmos lugares), os primeiros passam a entender que são “mais legais” do que os segundos. Estar legalizado faz com que taiwaneses sintam-se pessoas mais “honestas”, “sérias” e “respeitáveis” – citando algumas de suas expressões. Além disso, a grande maioria dos taiwaneses se identifica com o budismo⁷, o que lhes confere um sentimento de superioridade moral, pois, segundo eles próprios, essa religião não aceita o comércio de réplicas. Sr. Lui, por exemplo, um taiwanês vendedor de enfeites para a casa, costuma dizer que, segundo sua religião, a pirataria é uma forma de roubo⁸. Em suas palavras: “Mao Tsé-Tung disse: não se pode ter religião! Então, pessoa sem religião pensa que pode tudo... sem religião, a pessoa não tem limite”. No entanto, como recém mencionado, na prática, o comércio de cópias de marcas é generalizado em ambos os grupos.

Relatadas tais disjunções, poder-se-ia concluir que os taiwaneses desejam a independência de Taiwan, pois possuem uma série de aparatos sociais e políticos (legalidade, direitos, escolas, sindicatos, jornais, templos) que os legitimam e os tornam independentes dos chineses. No entanto, a maioria dos taiwaneses que contei é contra a separação. As pessoas a favor, em geral, são ligadas às associações políticas que têm ligação direta com os partidos em Taiwan. Os demais imigrantes, não gostam sequer de tocar na questão, endossando os princípios da RPC, ao dizerem que a China é uma só; que as diferenças são apenas políticas e o povo é o mesmo: *ye ge xin!* (um só coração). Minha condição de gaúcha, nascida em um estado brasileiro que teve

⁶ Além disso, todos os informantes taiwaneses possuem redes de parentesco transnacionais, especialmente nos Estados Unidos (Los Angeles), no Canadá (Toronto), no Brasil (São Paulo) e na própria China.

⁷ Em Foz do Iguaçu, há um grande templo budista.

⁸ Na internet, existem vários fóruns de discussão budistas em que os frequentadores se questionam se a pirataria pode ser uma forma de roubo e, consequentemente, interpretada dentro do princípio da “abstinência daquilo que não foi livremente dado”.

um importante movimento separatista ao longo de sua história, era sempre acionada nesses debates, como, por exemplo, na comparação feita pelo Sr. Wan: “Tu não gosta de ser brasileira? Então, da mesma forma que tu gosta de ser brasileira, eu gosto de ser chinês...”.

Uma cena observada na sua loja foi bastante interessante nesse sentido. É bastante comum clientes entrarem na loja e, ao verem o proprietário chinês e a decoração típica, fazerem perguntas sobre a China, especialmente no período atual, caracterizado pelo *boom* de sua economia. Certa vez, um turista argentino estava a barganhar com Sr. Wan e ele, de todas as formas, tentava realizar a venda, baixando o preço e segurando o freguês pelo braço para não deixá-lo ir embora. No meio da conversa, foi indagado sobre a questão de Taiwan. Visivelmente exaltado pela polêmica, repetia sem parar: “um país, duas políticas; um comunista e outro democrático”, “mesma linguagem”, “mesma cultura” e assim por diante. O turista, com ar irônico, desafiava o proprietário, dizendo o contrário. O desfecho da situação se deu com o Sr. Wan tomando as mercadorias da mão do cliente e o colocando para fora da loja.

Se os taiwaneses gozam de uma posição mais favorável em Ciudad del Este, os argumentos a favor da separação entre as duas nações acabam se esvaziando. Afinal, os movimentos separatistas emergem quando uma parte se sente prejudicada pelo todo ou por outra parte. Entretanto, em Ciudad del Este, para os taiwaneses, aceitar a separação significaria abrir mão de uma “cultura de cinco mil anos”, conforme sempre ressaltado, bem como dos benefícios de comercialização com a China, hoje uma das nações mais ricas do mundo.

Longe da terra natal e das discussões políticas mais acaloradas, os imigrantes apegam-se ao legado da civilização chinesa, e essa constitui a maior referência de vida desses sujeitos. Para eles, separar os países significaria aceitar que não se pertence mais à China, o que acarretaria uma mudança identitária e a própria segregação na comunidade chinesa de Ciudad del Este que, embora com suas hierarquias e diferenças, esforça-se para se manter unida e autocentrada. Os taiwaneses já são legalizados e possuem o reconhecimento de sua posição no contexto local. Acreditam possuir uma superioridade que se constrói a partir das noções de antiguidade (no Paraguai), de legalidade e de moralidade. Então, para que mudar? Em vez de deixar de ser chinês, parecem mais conveniente manter as coisas como estão no Paraguai: ligados à China e, ainda por cima, ocupando um patamar diferenciado na comunidade.

A vontade da reunificação também existe entre os chineses do continente, os quais, quando entrevistados, sempre dizem que não há qualquer diferença entre os dois grupos e que a independência é um assunto irrelevante que nem vale a pena ser discutido. No entanto, essa posição versa justamente

sobre a sua condição na comunidade, pois o desprezo pelo separatismo e pelas “questões de Taiwan” é, talvez, a forma mais eficaz de esvaziar as diferenças, deslegitimar a hierarquia e a superioridade proclamada pelo outro grupo.

Para esses imigrantes vindos da República Popular da China, também ocorre uma reordenação do que é *ser chinês* em Ciudad del Este. Necessariamente, devem reavivar a vivência dos princípios budistas, visitar os templos, voltar ao mandarim tradicional ensinado nas escolas e freqüentar as festas promovidas pelo consulado de Taiwan. Assim, *ser ou fazer-se chinês* no Paraguai passa, inevitável e paradoxalmente, pelas esferas socializantes taiwanesas. Podemos, então, falar que estamos diante de um processo de *taiwanização* dos imigrantes da República Popular.

A *taiwanização* é um fato que afeta tanto os adultos, através da interdependência econômica quanto os jovens, que crescem em escolas taiwanesas e, assim, recriam os laços entre ilha e continente – laços que seus pais mantêm de forma muito mais frágil. Embora haja uma tendência, na segunda geração, de quererem se misturar com os brasileiros e paraguaio, conforme demonstrei alhures (Pinheiro-Machado, 2007), são notáveis os esforços que a primeira geração faz para evitar as relações interétnicas. E o que se verificou no campo é que tais valores acabavam não sendo endossados pelos jovens, à custa de alguns conflitos com os pais. A jovem cantonesa filha do Sr Yang, por exemplo, ao retornar de São Paulo, onde cursou engenharia, voltou à Ciudad del Este para se casar com o filho do irmão do patrão do pai, que é taiwanês.

Do mesmo modo, na data da independência de Taiwan, o governo sempre promove comemorações em todas as comunidades ultramaras. Em Ciudad del Este, em 2005, houve uma grande festa, realizada com o dinheiro do consulado, que se encarregou de intermediar as atrações que viriam de Taiwan (grupo folclórico de dança). Tive a oportunidade de acompanhar uma parte da festa, e o que mais me surpreendeu foi encontrar os informantes da República Popular da China divertindo-se como se estivessem em uma festa chinesa. Disseram-me que, na cidade, não há nada o que fazer e essa era uma oportunidade ímpar de encontrar a comunidade. Os taiwaneses, por seu turno, também não pareciam muito engajados em relação ao cunho político e ideológico da festa. Os jovens, vestidos com roupas modernas, reuniam-se em grupos, separados dos pais, e flertavam entre si. Os mais velhos trocavam alimentos, especialmente bolo de arroz. Lily foi paradigmática ao me dizer que estava muito feliz em participar da festa de aniversário da comunidade chinesa de Ciudad del Este...

Notas Finais

Neste artigo, busquei levantar alguns pontos macroestruturais da complexa “questão de Taiwan”, para então analisar como ela se reflete na vida cotidiana e na subjetividade de comerciantes chineses e taiwaneses no Paraguai – país que detém as melhores relações diplomáticas com a Ilha.

Meu argumento é que a vida no Paraguai reordena em muitos sentidos da identidades chinesa e taiwanesa. Primeiro, porque chineses e taiwaneses confrontam-se cotidianamente com o estilo de vida dos paraguaios. Assim, a amizade de Taiwan e Paraguai parece só existir em acordos formais e nas manchetes de jornais. A realidade observada mostra um ambiente áspero e tenso. A partir dessa realidade, chineses e taiwaneses compartilham a língua e tendem a se unir em diversas esferas da vida social, na vida comercial cotidiana, bem como na celebrações importantes, valorizadas em Taiwan e na RPC.

Assim, a etnografia aponta para o fato de que, em Ciudad del Este, o efeito mais imediato da diplomacia de Taiwan e Paraguai é uma paradoxal “reunificação” entre chineses e taiwaneses, ainda que do outro lado do planeta. Em outras palavras, a imigração incentivada pelas relações diplomáticas acaba por reaproximar taiwaneses e *mainlanders*, e não taiwaneses e paraguaios. Além disso, o poderio econômico da China faz com que os imigrantes da Ilha queiram pertencer a esse universo de vantagens mercantis. No entanto, essa “reunificação” não é sinônimo de homogeneização, nem de ausência de conflitos étnicos internos, visto que os taiwaneses acabam tendo alguns direitos graças à diplomacia, direitos que os chineses não compartilham. Logo, forma-se uma disjunção hierárquica entre os imigrantes que dá maior poder aos taiwaneses na configuração local, e se desdobra numa “taiwanização” da vida dos imigrantes vindos da República Popular da China.

Referências

- BARTH, Fredrik. Introduction. In F. Barth (Org.) *Ethnic Groups and Boundaries*. Boston: Little, Brown. 1969.
- BROWN, Melissa. *Is Taiwan Chinese?* Berkeley: University of California Press, 2003.
- CHAN, Kwok Bun. Introduction. In: CHAN, Kwok Bun (Org.). *Chinese business networks*. State, Economy and Culture. Singapore: Prentice Hall, 2000, p. 1-14.
- CHUN, Allen, Ethnicity in the politics of unreal. *Taiwan in Comparative Perspective*, Londres, v. 1, p. 76-86, nov. 2007.
- COOPER, John. *Taiwan. Nation-State or Province?* Boulders: Westview, 2003.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil*, Brasília: Brasiliense, 1987.

- ELIAS, Nobert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LEIFER, Michael. Taiwan and South-East: The Limits to Pragmatic Diplomacy. In: EDMONDS, Richard; GOLDSTEIN, Steven (Orgs.). *Taiwan in the Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 173-186.
- LIN, Jan Chien-Chen. Changing Patterns of Chinese Labor and capital Flow to US. *Revue Européenne des Migrations Internationales (The Chinese Diaspora in Western Countries)*, n. 3, p. 73-90, 1992.
- LIN, Tse-Min et al. The neighborhood influence on formation of national identity in Taiwan, *Political Research Quarterly*, Londres, v. 59, n. 01, p. 35-46, 2006.
- LIVE, Yu-Sion. The evolution of the urban presense and of economical activities of the Chinese in Paris. *Revue Européenne des Migrations Internationales (The Chinese Diaspora in Western Countries)*, n. 3, p. 155-174, 1992.
- MACAGNO, Lorenzo. Comunidades muçulmanas e narrativas da alteridade na Triplice Fronteira. In: *Anais da 30ª Reunião da ANPOCS*, Caxambu, 2006.
- MaMUNG, Emmanuel. *La diaspora chinoise géographie d'une migration*. Paris: GéOphrys, 2000.
- MONTENEGRO, Silvia. BELIVEAU, Veronica. *La Triple Frontera*. Globalización y social contrucción del espacio. Madri: Miño y Dávila, 2006.
- OUYANG, Junyi. Differences culturelles autor du terme ‘ponctualité’, In: Zheng L (org.). *Entreprises et vie quotidienne em Chine*. Paris: L’Harmattan, 2002. p. 55-65.
- PAN , Lynn. *The encyclopedia of Chinese overseas*, Singapura: Didier Millet, 2006.
- PAN, Lynn. (Org.). *The encyclopedia of Chinese overseas*. Singapura: Didier Millet, 2006.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A ética confucionista e o espírito do capitalismo. *Horizontes Antropológicos*, n. 28, p. 145-174. jul./dez. 2007.
- PINHEIRO MACHADO, Rosana. *Made in China*: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2009.
- PINTO, Paulo Antônio. O Ressurgimento da Influência Político-Cultural Chinesa – O Interesse para o Brasil. *Meridiano 47*, Brasília, n. 60, p. 2-5, jul. 2005.
- PIZA, Douglas Toledo. Migrantes chineses e comércio “informal”: um pouco da mundialização contada a partir da região da Rua 25 de março. Mimeo, 2009.
- RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este*. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- RATH, Jan. The force of regularization in the land of the free. Paper apresentado na conferênciа Migrations Between East and West, Xiamen, China, 2006.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. El sistema mundial no-hegemónico y la globalización popular. *Série Antropología*, Brasília, n. 410, p. 1-25, 2007.

SILVA, Marcos. *Guanxi nos Trópicos*. Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

TROLLIET, Pierre. *La diaspora chinoise*. Paris: Puf, 2000.

WALDINGER, Roger; TSENG, Yenfen. Divergent Diasporas: the Chinese Communities of New York and Los Angeles compared. *Revue Européenne des Migrations Internationales (The Chinese Diaspora in Western Countries)*, n. 3, p. 91-116, 1992.